

Agrobiodiversidade em quintais agroflorestais no norte de Mato Grosso

Homegardens agrobiodiversity in northern of Mato Grosso state, Brazil

DOI:10.34117/bjdv8n1-167

Recebimento dos originais: 07/12/2021

Aceitação para publicação: 11/01/2022

Juliana de Freitas Encinas Dardengo

Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia (BIONORTE-MT)
Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Alta Floresta-MT
E-mail: julianadardengo@unemat.br

Ana Aparecida Bandini Rossi

Doutora em Genética e Melhoramento de Plantas- Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT - Faculdade de Ciências Biológicas e Agrárias. Laboratório de Genética Vegetal e Biologia Molecular
Campus de Alta Floresta Mato Grosso-Brasil - PGMP. PPGBioAgro - PPGBionorte/MT
E-mail: anabanrossi@unemat.br

Eliane Cristina Moreno de Pedri

Doutoranda na Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazonia Legal PPGBIONORTE
Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Alta Floresta - MT
E-mail: elicmbio@gmail.com

Guilherme Ferreira Pena

Doutor em Genética e Melhoramento de Plantas - Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus de Alta Floresta - MT
E-mail: penabio2@gmail.com

Jacó de Souza Santos

Mestre em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos - Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Alta Floresta-MT
E-mail: jacosan12@gmail.com

Auana Vicente Tiago

Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia Bolsista - Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Alta Floresta-MT
E-mail: auana_bio@hotmail.com

Celço Givanni dos Santos

Engenheiro Florestal - Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Alta Floresta-MT
E-mail: celsogivanni@hotmail.com

Eulália Soler Sobreira Hoogerheide

Doutora em Genética e Melhoramento de Plantas - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) - Embrapa Agrossilvipastoril – Sinop-MT
E-mail: eulalia.hoogerheide@embrapa.br

RESUMO

Há uma grande diversidade de comunidades nos municípios do norte de Mato Grosso, nestas, as famílias utilizam os recursos vegetais provenientes da região, contudo, muitas vezes todo o potencial apresentado pela planta não é devidamente aproveitado por esses agricultores. Assim, faz-se necessário o aprofundamento e divulgação para a comunidade do potencial de utilização que as plantas presentes em seus quintais agroflorestais apresentam, diante disto, o presente trabalho tem como objetivo realizar a caracterização socioeconômica e o levantamento das espécies vegetais que compõem a biodiversidade dos quintais agroflorestais rurais das comunidades rurais São Paulo (Carlinda-MT), São Pedro (Paranaíta-MT), Jacaminho (Alta Floresta – MT) e Santa Edwiges (Nova Canaã do Norte-MT). O estudo foi realizado durante os anos de 2018 e 2019 em 10 quintais agroflorestais de cada município, totalizando 40 quintais agroflorestais. A coleta de dados foi realizada através da técnica da lista livre. As plantas pertencentes ao grupo alimentício foram as mais citadas pelos entrevistados, seguido das plantas para uso medicinal e por fim as plantas que foram enquadradas em outros usos, como para sombra, artesanato, entre outros. Os resultados deste trabalho contribuem para a caracterização da agrobiodiversidade regional, uma vez que os quintais são sistemas que atuam como uma estratégia de uso mais sustentável dos recursos vegetais por conservarem as espécies nativas.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional, Etnobotânica, Biodiversidade, Amazônia, Segurança alimentar.

ABSTRACT

There is a great diversity of communities in the municipalities of northern Mato Grosso, in these communities, the families use the plant resources from the region, however, many times the potential presented by the plant is not properly used by these farmers. Thus, it is necessary to deepen and disseminate to the community the potential the plants present. Therefore, the present work aims to carry out the socioeconomic characterization and the survey of the plant species that compose the local biodiversity from rural agroforestry yards in rural communities São Paulo (Carlinda-MT), São Pedro (Paranaíta-MT), Jacaminho (Alta Floresta - MT) and Santa Edwiges (Nova Canaã do Norte-MT). The study was carried out during the years 2018 and 2019 in 10 agroforestry yards in each municipality, totaling 40 agroforestry yards. Data collection was performed using the free list technique. The plants belonging to the food group were the most cited by the interviewees, followed by plants for medicinal use and finally plants that were framed in other uses, such as shade, handicrafts, among others. The results of this work contribute to the characterization of regional agrobiodiversity, since backyards are systems that act as a strategy for more sustainable use of plant resources by conserving native species.

Keywords: Traditional knowledge, Ethnobotany, biodiversity, Amazon, Food security.

1 INTRODUÇÃO

A agrobiodiversidade pode ser entendida como a diversidade biológica dos agroecossistemas (Santilli, 2008), incluindo todos os componentes da biodiversidade, como a variedade de animais, plantas, e microrganismos, no âmbito gênico, de espécies e de ecossistema, os quais são primordiais para viabilizar as funções do agroecossistema (CDB, 1992).

A partir da Convenção para a Diversidade Biológica (CDB) da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em 1992, passou-se a considerar a importância dos sistemas agrícolas e dos recursos genéticos de plantas domesticadas, principalmente os mantidos por agricultores de pequeno porte, pois em sua maioria estão associados à grande diversidade (JARVIS et al., 2000). Esse grande número de plantas cultivadas localmente representa relevante fonte de resistência a estresses bióticos e abióticos, com potencial de uso no melhoramento genético de plantas, por isso passaram a ser o foco em vários estudos, devido ao papel fundamental na segurança alimentar tanto das comunidades de pequenos agricultores, quanto a nível mundial (Valle, 2002).

O quintal agroflorestal (QAF) é um sistema tradicional de uso da terra muito utilizado nas regiões tropicais, é um sistema de produção praticado por famílias que vivem em zonas rurais e urbanas, classificado como sistema agroflorestal (SAF), implantado nas áreas próximas às residências. Os QAFs são compostos por várias espécies agrícolas e florestais, onde são criados pequenos animais domesticados (Sablayrolles & Andrade, 2009).

Os QAFs possuem papel relevante na vida das famílias, principalmente as de baixa renda, rurais ou urbanas, em razão de propiciarem benefícios sociais, como recursos terapêuticos, conforto ambiental e recreação para a família; benefícios ecológicos, com a conservação de material genético *in situ* e *on farm*, estabilidade do solo e ciclagem de nutrientes; e benefícios econômicos, por meio da venda de produtos em mercados locais (Bentes-Gama et al., 1999).

Muitas plantas são introduzidas nos quintais e suas adjacências para facilitar o acesso a elas, dessa forma, o quintal é muito mais que uma mera porção de terreno, é um espaço social e cultural, nos quais as famílias mantêm uma grande diversidade de plantas, fazendo uso delas de forma sustentável e garantindo assim a sua preservação (Guarim Neto & Novais, 2008; Barros et al., 2021).

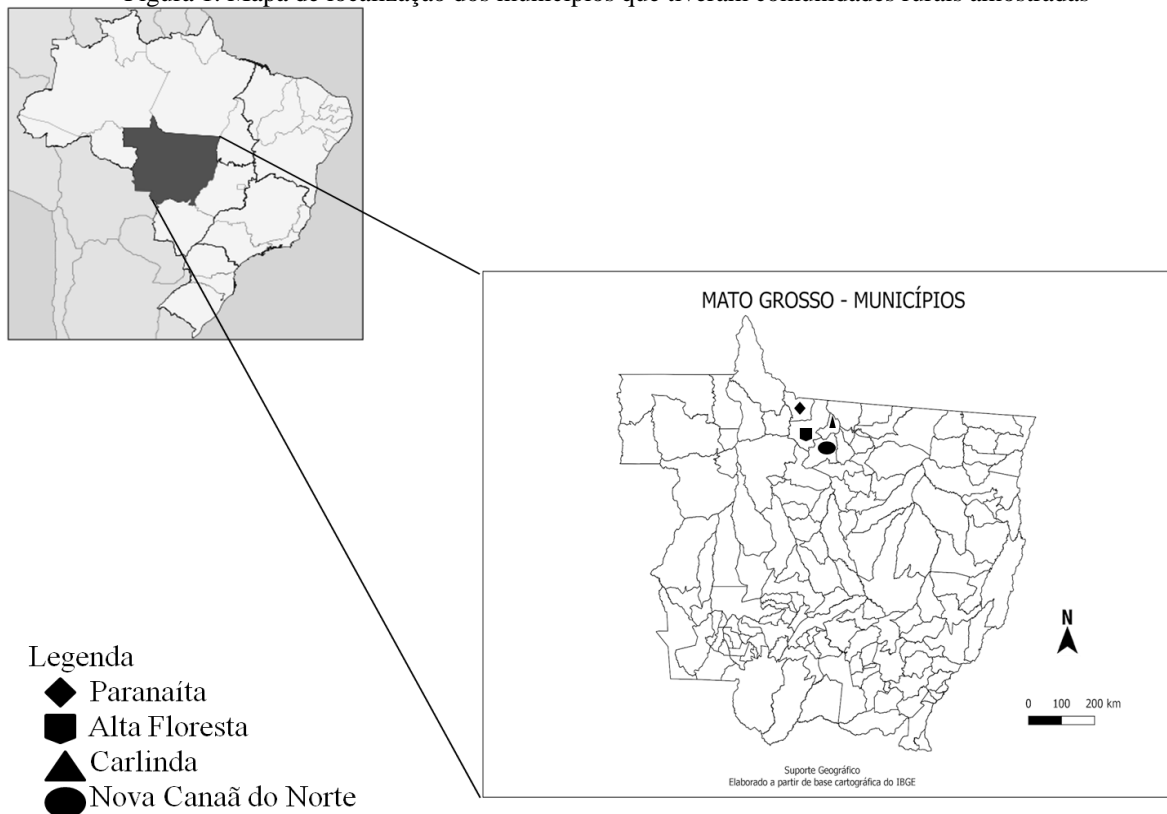
Assim, este trabalho teve como objetivo realizar a caracterização socioeconômica e o levantamento das espécies vegetais que compõem a biodiversidade dos quintais agroflorestais rurais das comunidades rurais São Paulo (Carlinda), São Pedro (Paranaíta), Jacaminho (Alta Floresta) e Santa Edwiges (Nova Canaã do Norte), todas situadas no norte do estado de Mato Grosso, Brasil.

2 METODOLOGIA

2.1 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

O estudo foi realizado durante os anos de 2018 e 2019 em 10 quintais agroflorestais de cada município selecionado (Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda e Nova Canaã do Norte), totalizando 40 quintais agroflorestais no norte do estado de Mato Grosso, Brasil (Figura 1). A primeira etapa do trabalho foi realizada no ano de 2018 em dois municípios (Paranaíta e Carlinda) e a segunda etapa em 2019, em Alta Floresta e Nova Canaã do Norte. O trabalho foi desenvolvido em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, inserido dentro do projeto Diagnóstico da agrobiodiversidade de comunidades rurais do estado de Mato Grosso.

Figura 1. Mapa de localização dos municípios que tiveram comunidades rurais amostradas



A coleta de dados foi realizada através da técnica da lista livre, ou seja, a citação livre de espécies pelo informante (Albuquerque, 2014). Também foram coletados os dados socioeconômicos, como nível de escolaridade, idade, profissão, renda mensal e tempo de residência.

2.1.1 Metodologia de análise de dados

Os dados obtidos nas entrevistas foram armazenados em um banco de dados em Microsoft Excel (Office 2010). As espécies levantadas foram verificadas quanto à seus nomes científicos e família botânica, essa classificação seguiu o sistema APG III (*Angiosperm Phylogeny Group*) consultadas através dos sites <http://www.theplantlist.org/> para plantas exóticas e <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> para plantas nativas.

As plantas citadas durante as entrevistas foram separadas em quatro etnocategorias de usos: Medicinal, Alimentar, Ornamental e Outros usos (lenha, madeira, proteção, sombreamento). Os dados sócios econômicos foram organizados da seguinte forma: idade, gênero (mulher, homem), renda familiar (de 1 até 2 salários mínimo, maior que 2 até 3 salários mínimo, maior que 3 até 4 salários mínimo, maior que 4 até 5 salários mínimo e maior que 5 até 6 salários mínimo), e nível de escolaridade (analfabetos, para pessoas que nunca frequentaram a escola; sabe ler e escrever, para pessoas que não frequentaram a escola mas que sabem ler e escrever; ensino fundamental incompleto; ensino fundamental completo; ensino médio incompleto; ensino médio completo; ensino superior incompleto; ensino superior completo e ensino técnico).

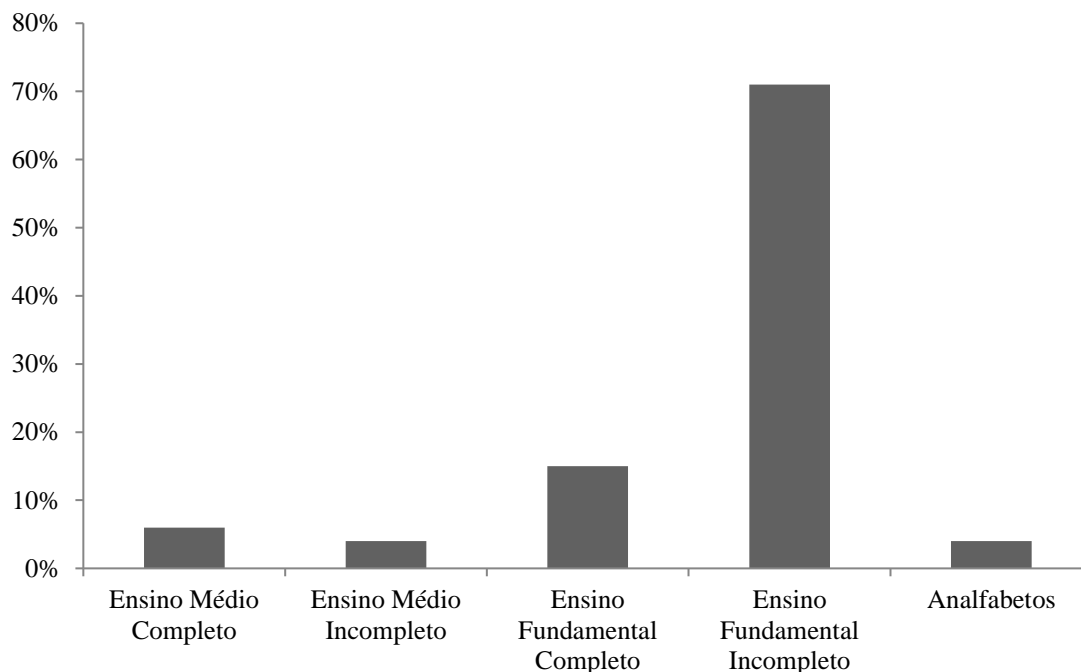
3 RESULTADOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistadas um total de 40 pessoas nas comunidades escolhidas, do total de entrevistados nas comunidades analisadas nas comunidades rurais nos municípios de Alta Floresta, Carlinda, Paranaíta e Nova Canaã do Norte, estado de Mato Grosso, 36 (95%) eram do gênero feminino e 4 (10%) do gênero masculino. Além disso, todos os entrevistados informaram serem proprietários da terra.

Com relação à escolaridade dos informantes, o que predomina são os que possuem ensino fundamental incompleto, com 71% das respostas, como mostra a figura 2. No que diz respeito à idade dos entrevistados, as respostas obtidas foram as seguintes: as pessoas de 51 até 60 anos foram as mais representativas, com 40% no total, seguido das pessoas que possuem de 41 a 50 anos, com 20% das respostas, os informantes de 61 a 70 anos somaram 15%, os de 21 a 30 anos também 10% e os de 31 a 40 anos 5%.

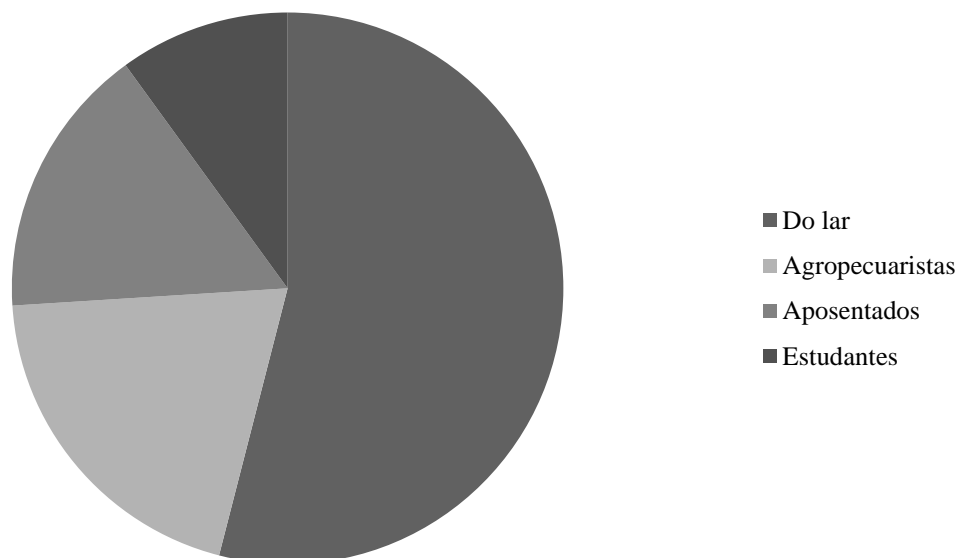
Figura 2. Nível de escolaridade dos moradores entrevistados nas comunidades Jacaminho (Alta Floresta), São Paulo (Carlinda), São Pedro (Paranaíta) e Santa Edwiges (Nova Canaã do Norte), Norte de Mato Grosso, Brasil



Quando perguntados sobre a renda, 48% dos entrevistados informaram que recebem de 1 até 2 salários mínimos, 38% mais que 2 até 3 salários mínimos, 10% mais que 3 até 4 salários mínimos e 5% mais que 5 até 6 salários mínimos. A renda pode explicar sobre o nível de conhecimento sobre recursos vegetais e seu uso, isso porque, as famílias mais pobres dependem mais das plantas para seu sustento. Quanto menor a renda de uma família, mais ela irá se interessar em plantar ou coletar plantas para suprir suas necessidades alimentícias e medicinais.

Outra pergunta realizada aos informantes foi sobre a profissão, as respostas obtidas demonstraram que 54% deles são do lar, isso corrobora com a hipótese da questão cultural, onde a maioria dos entrevistados são do sexo feminino e que tendem a ficar em casa nas tarefas domésticas. Ainda 20% informaram serem agropecuaristas, 16% aposentados e 10% estudantes (Figura 3).

Figura 3. Ocupação dos moradores entrevistados nas comunidades Jacaminho (Alta Floresta), São Paulo (Carlinda), São Pedro (Paranaíta) e Santa Edwiges (Nova Canaã do Norte), Norte de Mato Grosso, Brasil



3.2 LEVANTAMENTO DA BIODIVERSIDADE

Foram citadas um total de 885 plantas, sendo 83 espécies diferentes, pertencentes à 44 famílias botânicas, dessas, 54 são para alimentação, 27 para uso medicinal e 2 para outros usos, como por exemplo, sombra, artesanato, entre outros. A família botânica com mais citações foi Lamiaceae (7 citações), seguida da Malvaceae, com 6 citações e Myrtaceae com 5 citações (Tabela 1).

Tabela 1. Plantas citadas pelos entrevistados. Nome popular, Nome científico, família botânica, etnocategoria de uso, número de citações na Comunidade São Paulo (Carlinda –MT), São Pedro (Paranaíta – MT), Jacaminho (Alta Floresta – MT), Santa Edwiges (Nova Canaã do Norte –MT) e total de citações

Nome Popular	Nome Científico	Família Botânica	Etnocategoria de uso	São Paulo	São Pedro	Jacaminho	Santa Edwiges	Total
Abacate	Persea americana Miller	Lauraceae	Alimentação	1	7	5	4	17
Abacaxi	Ananas comosus (L.) Merr	Bromeliaceae	Alimentação	9	4	5	3	21
Abóbora	Cucurbita pepo L.	Cucurbitaceae	Alimentação	2	2	2	8	14
Açafrão	Curcuma longa L.	Zingiberaceae	Alimentação	0	2	1	2	5
Acerola	Malpighia emarginata DC.	Malpighiaceae	Alimentação	2	8	5	7	22
Alface	Lactuca sativa L.	Compositae	Alimentação	0	5	9	6	20
Alfavaca	Ocimum gratissimum L.	Lamiaceae	Medicinal	0	1	0	0	1
Algodão	Gossypium hirsutum L.	Malvaceae	Medicinal	2	0	2	1	5
Almeirão	Cichorium intybus L.	Compositae	Alimentação	1	2	7	5	15
Amendoim	Arachis hypogaea L.	Fabaceae	Alimentação	1	0	0	0	1
Amora	Morus Nigra L.	Moraceae	Alimentação	3	1	0	0	4
Anador	Justicia pectoralis Jacq.	Acanthaceae	Medicinal	1	0	0	0	1
Arruda	Ruta Graveolens L.	Rutaceae	Medicinal	1	4	0	0	5
Babosa	Aloe vera (L.) Burm. f.	Xanthorrhoeaceae	Medicinal	2	1	3	2	8
Banana	Musa paradisiaca L.	Musaceae	Alimentação	8	6	8	8	30
Batata	Solanum tuberosum L.	Solanaceae	Medicinal	4	0	0	0	4
Batata doce	Ipomoea batatas (L.) Lam	Convolvulaceae	Alimentação	3	4	2	8	17
Boldo	Plectranthus barbatus Andrews	Lamiaceae	Medicinal	3	6	9	6	24
Cacau	Theobroma cacao L.	Malvaceae	Alimentação	0	5	2	1	8
Café	Coffea arabica L.	Rubiaceae	Alimentação	2	1	3	0	6
Caju	Anacardium occidentale L.	Anacardiaceae	Alimentação	10	7	10	5	32
Cana de açúcar	Saccharum officinarum L.	Poaceae	Alimentação	4	2	3	6	15
Capim Cidreira	Cymbopogon citratus (DC.) Stapf.	Poaceae	Medicinal	10	8	4	5	27

Carambola	Averrhoa carambola L.	Oxalidacea	Alimentação	0	3	0	0	3
Carqueja	Baccharis trimera (Less.) DC	Compositae	Medicinal	2	1	0	0	3
Castanha do Pará	Bertholletia excelsa Humb. & Bonpl.	Lecythidaceae	Alimentação	1	0	2	0	3
Cebola	Allium cepa L.	Amaryllidaceae	Alimentação	1	0	0	0	1
Cebolinha	Allium fistulosum L.	Amaryllidaceae	Alimentação	1	8	6	7	22
Cereja	Prunus brasiliensis (Cham. & Schlttl.) D.Dietr.	Rosaceae	Alimentação	1	0	0	0	1
Coco	Cocos nucifera L.	Arecaceae	Alimentação	6	10	6	9	31
Coentro	Coriandrum sativum L.	Apiaceae	Alimentação	0	2	5	0	7
Colorau	Bixa orellana L.	Bixaceae	Alimentação	7	6	3	3	19
Confrei	Symphytum officinale L.	Boraginaceae	Medicinal	2	0	2	0	4
Couve	Brassica oleraceae L.	Brassicaceae	Alimentação	1	5	4	4	14
Cupuaçu	Theobroma grandiflorum Schum.	Malvaceae	Alimentação	5	9	7	5	26
Embaúba	Cecropia pachystachya Travel	Urticaceae	Medicinal	1	0	0	0	1
Erva de Santa Maria	Chenopodium ambrosioides L. var. Santa Maria Vell	Amaranthaceae	Medicinal	4	5	3	3	15
Espada de São Jorge	Sansevieria trifasciata Prain	Asparagaceae	Medicinal	1	1	0	0	2
Feijão Andú	Cajanus cajan (L.) Millsp.	Leguminosae	Medicinal	6	0	0	0	6
Feijão de vagem	Phaseolus vulgaris L.	Fabaceae	Alimentação	1	0	0	0	1
Figatil	Vernonia condensata Baker.	Compositae	Medicinal	0	4	0	1	5
Figo	Ficus carica L.	Moraceae	Alimentação	0	1	0	0	1
Gengibre	Zingiber officinale Roscoe	Zingiberaceae	Medicinal	1	3	0	1	5
Goiaba	Psidium guajava L.	Myrtaceae	Alimentação	7	6	7	6	26
Graviola	Annona muricata L.	Annonaceae	Alimentação	2	1	0	3	6
Hibisco	Malvaviscus arboreus Cav.	Malvaceae	Medicinal	2	0	0	0	2
Hortelã	Mentha x villosa Huds.	Lamiaceae	Medicinal	7	4	4	3	18
Ingá	Inga virescens Benth.	Fabaceae	Alimentação	7	2	7	1	17

Inhame	<i>Dioscorea brasiliensis</i> Willd.	Dioscoriaceae	Alimentação	2	4	0	4	10
Jabuticaba	<i>Peleria cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Myrtaceae	Alimentação	5	8	6	7	26
Jaca	<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Moraceae	Alimentação	3	5	9	5	22
Jambo	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alstron	Myrtaceae	Alimentação	0	8	0	0	8
Jiló	<i>Solanum gilo</i> Raddi	Solanaceae	Alimentação	0	2	5	3	10
Laranja	<i>Citrus aurantium</i> L.	Rutaceae	Alimentação	9	10	9	10	38
Levante	<i>Mentha sylvestris</i> L.	Lamiaceae	Medicinal	0	2	0	0	2
Limão	<i>Citrus limon</i> (L.) Burman F.	Rutaceae	Alimentação	10	9	8	8	35
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Alimentação	3	7	6	5	21
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae	Alimentação	8	5	4	9	26
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Alimentação	6	7	10	10	33
Manjeriço	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Lamiaceae	Medicinal	0	1	1	0	2
Maracujá	<i>Passiflora quadrangularis</i> Triana & Planch.	Passifloraceae	Alimentação	2	3	2	7	14
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae	Alimentação	0	1	0	0	1
Melancia	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	Cucurbitaceae	Alimentação	1	0	0	4	5
Moringa	<i>Moringa oleifera</i> Lam.	Moringaceae	Medicinal	1	0	0	0	1
Noni	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Rubiaceae	Medicinal	1	0	0	1	2
Paineira	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Malvaceae	Outros	1	0	0	0	1
Pepino	<i>Cucumis sativa</i> L.	Cucurbitaceae	Alimentação	1	1	0	4	6
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	Caryocaraceae	Alimentação	2	0	0	2	4
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Alimentação	2	5	2	2	11
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	Medicinal	0	3	1	0	4
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench.	Malvaceae	Alimentação	1	2	1	0	4
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Lythraceae	Medicinal	0	3	0	0	3
Rúcula	<i>Eruca sativa</i> Mill.	Brassicaceae	Alimentação	0	1	5	4	10

Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlttdl.	Adoxaceae	Medicinal	0	1	0	0	1
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i> (Miller)	Apiaceae	Alimentação	0	3	2	3	8
Seriguela	<i>Spondias purpurea</i> L.	Anacardiaceae	Alimentação	1	0	3	3	7
Taioba	<i>Xanthosoma violaceum</i> Schott.	Araceae	Alimentação	1	1	0	0	2
Tamarindo	<i>Tamarindus indicus</i> L.	Leguminosae	Alimentação	2	2	3	1	8
Tanchagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Medicinal	2	2	0	0	4
Terramicina	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Amaranthaceae	Medicinal	2	2	2	1	7
Tomate	<i>Lycopersicon pimpinellifolium</i> L.	Solanaceae	Alimentação	0	2	0	3	5
Uvaia	<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.	Myrtaceae	Alimentação	1	1	0	0	2
Vick	<i>Mentha arvensis</i> L. var. <i>piperaceae</i> Holmes	Lamiaceae	Medicinal	1	0	0	0	1

4 DISCUSSÃO

O estudo da etnobotânica é uma ferramenta utilizada para possibilitar a compreensão da relação do homem com o meio ambiente que o cerca, ele inclui desde simples trabalhos com listagens das plantas úteis em determinadas comunidades, até a compreensão de como estas interagem com as plantas, no que tange a diversidade vegetal e cultural, o uso, o manejo e a conservação da biodiversidade (Boscolo, 2013).

Estudos etnobotânicos sobre a agrobiodiversidade são relevantes por indicar caminhos para o melhoramento de plantas e por descrever e explicar os diferentes meios pelos quais uma mesma espécie cultivada pode ser utilizada (Ford, 2000). Trabalhos que abordem os motivos que levam os agricultores a aumentar ou diminuir o número de espécies e variedades cultivadas, as formas de organização e produção dos agricultores, assim como os sistemas de manejo, são importantes para a melhor compreensão da dinâmica do aumento, manutenção e perda da diversidade agrícola (Pereira, 2008).

O caráter interdisciplinar dos estudos etnobotânicos colabora para uma diversidade de tópicos que podem ser abordados e associados aos fatores culturais e ambientais, como as inter-relações entre as plantas e os seres humanos no seu cotidiano (Oliveira et al., 2009). Além disso, a etnobiologia ocupa uma posição privilegiada devido ao seu potencial de integrar conhecimentos locais e globais, conectar culturas tradicionais e enfoques acadêmicos e relacionar aspectos biológicos e sociais da experiência humana no ambiente (Albuquerque, 2014).

A diversidade biológica no estado do Mato Grosso está relacionada com a sua extensão territorial, privilegiada com a complexidade de biomas e rica diversidade étnica e cultural, que favorecem estudos na região (Albuquerque, 2007). A migração de agricultores oriundos da região sul do Brasil, também contribuiu para o aumento da biodiversidade local, pois objetivando a compra de áreas maiores por baixo preço de custo, acabaram trazendo consigo espécies novas para a região (Guarim Neto & Novais, 2008). No estado, os quintais em áreas urbanas mais antigas geralmente situam-se na parte de trás das residências, possibilitando o cultivo de plantas medicinais e alimentares, já na zona rural o terreiro se prolonga pela extensão da área habitada (Guarim Neto & Amaral, 2010).

O fato da maioria dos entrevistados ser do sexo feminino respalda ainda mais os resultados da presente pesquisa, pois segundo Pasa (2011), numa dada população, nem todos os membros conhecem todas as plantas; no entanto, as mulheres, quase sempre envolvidas

diretamente no tratamento de seus filhos e maridos, são, em geral, as principais depositárias do saber popular quanto ao uso das plantas.

Em relação à faixa etária dos entrevistados, mesmo com uma concentração do número de pessoas na faixa de 51 a 60 anos, foram entrevistadas pessoas de diversas idades, o que é de suma importância já que os quintais constituem um relevante espaço pedagógico onde pessoas de diferentes faixas etárias realizam cotidianamente experimentações sobre plantio e manejo de espécies vegetais. Tais práticas possibilitam a construção de conhecimentos, ancorados na história de vida, nas relações estabelecidas com as plantas e com os grupos sociais (vizinhos e parentes) com os quais compartilham a arte de plantar, colher e conservar (Amorozo, 2002).

No tocante à renda familiar dos entrevistados, uma das questões principais que pode ser percebida, é que a preocupação maior não é com o que se pode lucrar através dos recursos plantados ou coletados, mas o quanto se pode deixar de gastar ao utilizá-los. Um estudo realizado por Carniello et al., (2010) em Mirassol D'Oeste, Mato Grosso, mostrou que as espécies vegetais encontradas nos quintais da população possuem vários usos, como auxílio na alimentação humana e animal, artesanatos, medicinal, ornamental, tóxico entre outros, porém o mais importante é a complementação alimentar, reduzindo os custos alimentícios familiares.

A utilização das plantas como alimentação se mostrou uma importante ferramenta de subsistência para as famílias das comunidades estudadas. Segundo Camargo et al. (2014) um dos grandes problemas das comunidades tradicionais do Centro-Oeste do Brasil é a ausência de segurança alimentar, demonstrada pela falta de mecanismos que promovam a geração de renda e a pressão do agronegócio sobre a biodiversidade.

De acordo com Hanazaki (2006), o conhecimento que as comunidades possuem sobre o meio ambiente podem interferir nas práticas cotidianas, e o conhecimento local acerca da vegetação, inclui também muitas plantas utilizadas com finalidades medicinais, alimentícias, para manufaturas, ornamentais, ou como alimento para fauna, infelizmente esse conhecimento popular sobre as plantas está se perdendo, pois as populações tradicionais que lidam e conhecem as plantas e o uso que pode ser feito destas, estão abandonando os conhecimentos que antes eram repassados de geração a geração.

5 CONCLUSÕES

Este trabalho revelou a importância que os recursos vegetais representam para os moradores das comunidades rurais do norte do estado de Mato Grosso, os quais demonstraram

um conhecimento significativo sobre plantas em seus quintais. O que comprova isso é que, em média, cada entrevistado mantém 36 diferentes tipos de plantas no seu quintal, com finalidades medicinais, alimentícias e outros usos. Em muitos casos, as plantas são um recurso indispensável para a subsistência dessa população, especialmente por substituírem produtos que precisariam ser comprados.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida à Juliana de Freitas Encinas Dardengo, através do Programa Nacional de Pós Doutorado.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, UP. 2007. Povos e Paisagens: **Etnobiologia, Etnoecologia e Biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRPE.
- Albuquerque, UP.** 2014. Introdução à Etnobiologia. Recife – PE. NUPEEA. 190 pp.
- Amorozo, MCM.** 2002. Traditional agriculture, enduring spaces and the joy of planting. In: Albuquerque, U.P. de; Alves, A.G.C.; Silva, A.C.B.L.; Da Silva, V.A. (Orgs.). Actualities in Ethnobiology and Ethnoecology. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Ed. SBEE, Recife, PE. p. 123-131.
- Barros, ER., Nina, CS., Oliveira OMS.** 2021. Fitossociologia de plantas espontâneas em agroecossistemas familiares de base ecológica Manaus – AM. *Brazilian Journal of Development* 7 (11):105176-105185.
- Bentes-Gama, MM., Gama, JRV. & Tourinho, MM.** 1999. Huertos caseros en La comunidad ribereña de Villa Cuera, e nel município de Bragança e nel noroeste paraense. *Agroforesteria en las Américas* 6(4):9-12.
- Boscolo, OH.** 2013. Para comer, para beber ou para remédio? Categorias de uso múltiplo em Etnobotânica. *Cadernos UniFOA* 12:96-111.
- Camargo, FF, Souza, TR & Costa, RB.** 2014. Etnoecologia e etnobotânica em ambientes de Cerrado no Estado de Mato Grosso. *Interações* 15(2):353-360.
- Carniello, MA, Silva, RS, Cruz, MAB & Guarim Neto, G.** 2010. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazônica* 40(3): 451-470.
- CDB- Convenção sobre a diversidade Biológica.** 1992. Disponível em <http://www.mma.gov.br/informma/item/7513-conven%C3%A7%C3%A3o-sobre-diversidade-biol%C3%B3gica-cdb> Acesso 31/12/2019.
- Ford, R.** 2000. Agriculture: an introduction. In: MINNIS, P.E. (ed.) *Ethnobotany: a reader*. Norman: University of Oklahoma Press, 210 pp.
- Guarim Neto, G & Novais, AM.** 2008. Composição florística dos quintais da cidade de Castanheira. In: Guarim Neto, G. E Carniello, M. A. (Orgs.). *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres: EDUNEMAT, 203 p.
- Guarim Neto, G. & Amaral, CN.** 2010. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica* 6:191-212.
- Hanazaki, N.** 2006. Conhecimento caiçara para o manejo de recursos naturais. In: Albuquerque, U. P. de. et al. *Atualidade em etnobiologia e etnoecologia*. 2. ed. Recife: NUPEEA. 1:17-23.

Jarvis, DI, Myer, L., Klemick, H., Guarino, L., Smale, M., Brown, AHD, Sadiki, M., Sthapit, B & Hodgkin, T. 2000. A Training Guide for InSitu Conservation On farm. Rome: FAO; IPGRI, 190pp.

Oliveira, FC, Albuquerque, UP, Fonseca-Kruel, VS & Hanazaki, N. 2009. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Rev. Acta Bot. Bras.*, 23(2): 590-605.

Pasa, M C. 2011. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6(1):179-196.

Pereira, KJC. 2008. Agricultura tradicional e manejo da agrobiodiversidade na Amazônia Central: um estudo de caso nos roçados de mandioca nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Amanã e Mamirauá, Amazonas. Tese de doutorado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 222p.

Sablayrolles, MGP & Andrade, L. 2009. Entre sabores e saberes: a importância dos quintais agroflorestais para agricultores ribeirinhos no Tapajós-PA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 2009, Brasília, DF. Anais... Brasília.

Santilli, J. 2008. A biodiversidade de as comunidades tradicionais. In: BESUNSAN, N. (org.) *Seria Melhor Ladrilhar? Biodiversidade como, para que, porquê.* Brasília: EDITORA UNB, 167-179.

Valle, TS. 2002. Coleta de germoplasma de plantas cultivadas. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Eds). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas.* Rio Claro: UNESP/SBEE/CNPq.